

Flávio de Carvalho, Canibal

Larissa Costa da Mata¹

Resumo

Embora o artista brasileiro Flávio de Carvalho (1899-1973) tenha estado ausente da Semana de Arte Moderna de 1922, mesmo durante a década de 1920 dialogara com a vertente antropofágica do modernismo brasileiro, graças aos seus projetos arquitetônicos, como o do Palácio do Governo (1928). A partir de então, fora convidado por Oswald de Andrade e por Raul Bopp para compor a *Bibliotequinha Antropofágica* com o ensaio *Brasil-Freud*, que não chegara a ser escrito. As afinidades com essa vertente do modernismo são notáveis no texto “A cidade do homem nu”, de 1931. Carvalho guardara, inclusive nos artigos posteriormente publicados no *Diário de S. Paulo*, ressonâncias das fundamentações teóricas desse movimento, formuladas por Oswald de Andrade nos manifestos e em *Estética e política* (podemos citar como exemplos o interesse compartilhado por ambos pelo matriarcado e pela metamorfose). Entretanto, o artista brasileiro se distanciou dessa vanguarda no que diz respeito ao intuito primitivista do movimento – que nele adquire caráter mais internacionalizante – e à concepção genealogista da História. Esta comunicação pretende, portanto, discutir as consonâncias e dissonâncias entre Flávio de Carvalho e o projeto antropofágico as quais tornam, ainda hoje, problemática uma perspectiva que contemple esse movimento de vanguarda de forma homogênea e meramente historicista.

Palavras-chave

Flávio de Carvalho; antropofagia; genealogia

¹ Larissa Costa da Mata é doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como leitora de Estudos Brasileiros na Universidade de Pequim entre 2013 e 2014. Atualmente, é bolsista de pós-doutorado júnior do CNPq no Programa de Pós-Graduação de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo com pesquisa sobre Flávio de Carvalho e Roger Caillois. E-mail para contato: larissa.mata@gmail.com.

Nos modernismos latino-americanos, o outro “primitivo” constituía o passado pré-colonial participando do presente na tentativa de se propor reformulações estéticas, de modo que, paradoxalmente, esteve vinculado ao próprio processo de modernização e à tentativa de se constituir a autonomia cultural do continente. No caso brasileiro, não fortuitamente, a literatura tornou-se repleta de cenas de fundação (por exemplo, em *Macunaíma*, 1928, de Mário de Andrade, e em *Cobra Norato*, 1931, de Raúl Bopp) e a vertente antropofágica desse movimento adotou uma perspectiva que concebia o “primitivo” como “marco zero”, atrelado a uma perspectiva linear do tempo.

Por esse motivo, casos como o do artista Flávio de Carvalho (1899-1973) – arquiteto, pintor, e também escritor – passaram praticamente incólumes aos estudiosos dessa vanguarda brasileira. Carvalho, como pretende-se demonstrar a partir de seus ensaios de meados dos anos 1920, especialmente, apresentou diversas afinidades com a antropofagia, no que diz respeito ao seu interesse pelo matriarcado e pela psicanálise freudiana, da qual se utilizou, junto à filosofia de Friedrich Nietzsche, para elaborar uma perspectiva da origem como metamorfose. Nesses termos, a origem se apresentaria, para Flávio de Carvalho, à semelhança da genealogia nietzschiana, preservando o conflito entre hierarquias e tornando-se imanente, de modo que o antes e o depois compartilhem o mesmo espaço na obra, no sujeito e no pensamento. Essa concepção se apresenta tanto nas resenhas sobre a obra da pintora Tarsila do Amaral de meados dos anos 1920 como na sua retomada posterior de um suposto primitivo modernista, embora com significado distinto do que apresentara na vanguarda, na série “Os gatos de Roma / Notas para a reconstrução de um mundo perdido” publicada no *Diário de S. Paulo* entre os anos de 1957 e 1958.

Em Flávio de Carvalho, como veremos, resta-nos um princípio de camadas heterogêneas, no qual a *pesquisa da origem* não corresponde mais à afirmação de identidades, como supunha o modernismo antropofágico em seu princípio, na sua tentativa de revirar os anais totêmicos e de encontrar a herança da raça brasileira (BOPP, 1966). Nesse sentido, vale recordar que o mote inicial do movimento surge de uma *blague* de

tom evolucionista, partindo da tese imaginária de Oswald de Andrade, defendida diante de Raúl Bopp e Tarsila do Amaral, de que a rã seria um descendente comum à espécie humana (BOPP, 2008; AMARAL, 1939). Não à toa, o primitivismo latino-americano estaria vinculado à própria noção de modernidade, como afirmaria a crítica argentina Florencia Garramuño (2009), ao passo que, no contexto europeu, se mostraria distinto da modernidade e como a prefiguração de uma origem ficcional para o velho continente (GARRAMUÑO, 2009; FOSTER, 2004).

Embora Flávio de Carvalho estivesse ausente da Semana de Arte Moderna de 1922, chamou a atenção dos intelectuais em torno da antropofagia, graças aos seus projetos arquitetônicos como o do Palácio do Governo de 1928. Naquele momento, intelectuais como Mário de Andrade partiram em sua defesa na imprensa, e Oswald de Andrade e Raúl Bopp convidaram-no para compor a *Bibliotequinha Antropofágica* com o ensaio *Brasil-Freud*, o qual não chegara a concluir. Carvalho colabora, então, com a *Revista de Antropofagia* e ilustra a capa da primeira edição de *Cobra Norato*. Em 1931, participa do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura no Peru apresentando o ensaio “A cidade do homem nu”. Nesse texto, se percebe, sobretudo, a proximidade com Oswald de Andrade, quem instigava, como o autor de *Os ossos do mundo*, “A reação contra o homem vestido”, a oposição à sociedade patriarcal, à institucionalização da lei e ao cristianismo, em favor de uma comunidade que estivesse regida pela criação dinâmica, pelos processos – “roteiros, roteiros, roteiros”... (ANDRADE, 1982, p. 355) – em detrimento das grandes obras canônicas.

Carvalho dedica, ainda, dois textos que resenham as obras de Tarsila do Amaral, “Uma análise da exposição de Tarsila” e “Os quatro períodos de Tarsila”, nos quais se percebe, sobretudo, a concepção de tempo de que se valeu, a qual compreendia o presente como um acúmulo arqueológico de camadas, com a origem sempre prestes a emergir, à semelhança de Sigmund Freud em “Construções em análise”. Na pintura de Tarsila, o passado se manifesta por acúmulo; não se daria, portanto, como uma busca por raízes totêmicas, mas como criação de poeira, de dobras, uma condensação do passado da

espécie, das camadas das histórias de todos os povos. Esse tempo outro estará sempre na iminência do retorno no que o autor denomina de “ciclos histórico-mentais”, que se dá quando se revela somente uma pequena porção dessa complexidade de momentos, em contradição com a noção de história como fluxo. Para Carvalho,

[...] O tempo, porém, funciona como um condensador em relação aos acontecimentos. Todos os detalhes que compõem uma manifestação do passado são condensados num conjunto. E esse conjunto se manifesta quase sempre por uma imagem mental (CARVALHO, 1929, in: AMARAL, 1975, p. 148).

Na antropofagia, o nacionalismo coloca o movimento diante de uma ambivalência: enquanto busca produzir fronteiras, desloca-se pelo impulso de memória e de retorno a uma fonte originária da identidade individual e mesmo da própria tradição que procura superar (KILGOUR, 1990). Podemos afirmar que, como poucas exceções, essa é a mesma lógica que perdura nas leituras da vanguarda modernista ainda hoje, que atribuem caráter fundador a esse movimento e reforçam os mesmos valores defendidos por escritores como Mário de Andrade e mesmo Oswald de Andrade naquele período.

Em contrapartida, buscamos mostrar que o contato com as alteridades “primítivas” faz, em Flávio de Carvalho, com que nos deparemos com questões que já estavam presentes na arte ocidental: a da diferença como constitutiva do sujeito e a sua constante mobilidade, a do vínculo entre uma representação estática do sujeito e o culto da obra de arte, característica, sobretudo, da arte mítica do Renascimento e da arte religiosa. Instaurar a diferença na origem, por outro lado, significaria reforçar que as rupturas e regressões históricas operam-se incessantemente e é isso o que esta comunicação pretende defender.

Referências bibliográficas

AMARAL, Aracy. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo: Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1975.

AMARAL, Tarsila. Pintura pau-brasil e antropofagia. *Revista Anual do Salão de Maio –RASM*, n 1, São Paulo, 1939.

ANDRADE, Mário. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed crítica/ Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora. Paris: Association Archives de la Littérature Latino-Américaine, des caraïbes et Africaine du XX^e Siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988 (Coleção Arquivos, v.6).

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje*. 6 ed. rev. e aum. Petrópolis: Vozes, 1982 (p. 353-360).

BOPP, Raúl. *Poesia Completa de Raúl Bopp*. 2. ed. Organização e notas de Augusto Massi. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. *Movimentos Modernistas no Brasil (1922-1928)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

_____. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CARVALHO, Flávio de Rezende. Uma análise da exposição de Tarsila (1929). In: AMARAL, Aracy. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo: Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1975.

_____. Os gatos de Roma / Notas para a reconstrução de um mundo perdido. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 6 jan. 1957-21 set. 1958.

FOSTER, Hal. *Prosthetic Gods*. Cambridge, Massachusetts; Londres, Inglaterra: MIT Press, 2004.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23, p. 289-304).

GARRAMUÑO, Florencia. *Modernidades primitivas*. Tango, samba e nação. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

KILGOUR, Maggie. *From communion to cannibalism: an anatomy of metaphors of incorporation*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1990.

SCHWARTZ, Jorge. *Brasil [1920-1950]: Da antropofagia à Brasília*. São Paulo: FAAP, Cosac Naify, 2002.